

ENSINO FUNDAMENTAL (7º AO 9º ANO)

PLANO 3: ESTUDO DA CRÔNICA “MENAS LARANJAS”, DE KLEDIR RAMIL

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Introdução

As crônicas têm um estilo próprio para fisgar seu leitor. Trata-se de um texto que traz à tona temas recorrentes do dia a dia; apresenta uma linguagem bastante próxima de quem a lê, uma extensão curta, dado seus assuntos corriqueiros e sempre atuais, fazem com que seja um gênero muito procurado por professores de Língua Portuguesa. A origem da palavra crônica é do latim *chronica* que significava, no início do Cristianismo, o relato de acontecimentos em sua ordem cronológica, daí sua efemeridade em relação às temáticas apresentadas.

Esse gênero traz à sala de aula a percepção aguçada sobre o tempo e o espaço do “agora”, o que, de certa forma, é bastante propício para alunos adolescentes. A maneira como o texto trata desse “hoje” pode se tornar uma ferramenta fundamental para conquistar novos leitores. Sob esse viés, apresentamos uma proposta de trabalho a partir do texto *Menas Laranjas*, de Kledir Ramil. Com ele, buscamos explorar a forma de escrita de uma crônica, bem como promover uma reflexão crítica acerca da temática dos usos da Língua Portuguesa, da ideia de ‘certo’ e ‘errado’ na nossa fala, do uso e do estudo da gramática normativa nas escolas e, ainda, sobre preconceito linguístico, com vistas a propiciar um posicionamento dos estudantes diante de tais provocações.

Para tanto, traçamos um percurso teórico, a organização dos momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura; a proposição das atividades e sugestões de *links* de sites para uma possível produção textual com gêneros textuais diversificados. Segundo Saussure (2016, p. 13), “a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou em decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão”.

Logo, importa reconhecer que há diferentes idiomas que caracterizam determinados povos e, dentre esses idiomas, há múltiplas variedades linguísticas próprias que compõem os modos de expressão de seus falantes. Dessa forma, a norma-padrão surge como um elemento que estabelece determinada “ordem”, um “padrão”, especialmente na escrita, para que se preserve uma unidade organizacional e de significação do léxico de uma comunidade.



Ao se pensar em escrita como fator padronizado, social e convencional, não se pode esquecer que a fala é o seu contraponto. Ou seja, ela é individual, momentânea, espontânea. E é justamente na oralidade que ocorrem os aspectos informais da língua, como o uso de gírias, trocas de “l” por “r” ou vice-versa (por exemplo: *célebro* no lugar de *cérebro*, *prástico* no lugar de *plástico*, etc.), supressão do “r” ou “s” no final das palavras (por exemplo: *Duas menina* no lugar de *Duas meninas*, *Vou fala* com ele em vez de *Vou falar com ele*), etc.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 87), na Competência número 1, está exposto que o estudante precisa: 1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. Ainda, segundo o documento, consideramos importante para essa atividade o desenvolvimento das seguintes habilidades (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico; e (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (BNCC, 2017, p. 161).

Segundo Benveniste (2006, p.93), “a linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Conseqüentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro. A partir desse momento, a sociedade é dada com a linguagem.” Para Cereja e Magalhães (2012, p. 36), a norma-padrão da língua é uma espécie de ‘lei’ que orienta o uso social da língua. Essa norma-padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática”.

Nesse sentido, entendemos que a norma-padrão, é ensinada na escola como variedade de prestígio, mas ela, obviamente, não é usada em todos os momentos da vida, mas em contextos mais formais.

Há momentos descontraídos, em que ela não é necessária, mas há momentos em que ela é obrigatória, como quando fazemos uma entrevista para conseguir um emprego, quando apresentamos um trabalho escolar, participamos de um debate, escrevemos uma carta para uma autoridade pública, redigimos um requerimento, etc. Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe a ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida social. (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 36).

Contudo, não se pode desprezar as demais variedades linguísticas, visto que a língua, enquanto organismo vivo, modifica-se conforme o seu uso pelos falantes. Algumas expressões caem em desuso, enquanto outras surgem de acordo com as modificações dos aparatos sociais quando de sua organização. Isso é muito perceptível hoje com o advento de novas tecnologias,



em que há vários vocábulos novos, bem como maneiras de se expressar e escrever, como o chamado internetês, por exemplo. Porém, o que se discute aqui, além dessas novas possibilidades, são também as diferenças entre os falares das diversas camadas sociais. Nesse caso, entram as variedades linguísticas que não seguem a norma-padrão. Entre elas, estão, por exemplo, os falares de pessoas de baixa escolaridade ou analfabetas, ou mesmo de rendas mais baixas, que são consideradas de menos prestígio e, portanto, são aquelas que sofrem com o preconceito linguístico. Algo que, enquanto educadores, devemos esclarecer para os estudantes, a fim de que tenham a dimensão desse preconceito e que não o perpetuem, uma vez que “pessoas de baixa escolaridade, ou vindas do interior, ou vindas de regiões distantes dos grandes centros urbanos podem ser ridicularizadas ou inferiorizadas por falarem uma variedade diferente daquela prestigiada socialmente” (CEREJA; MAGALHÃES, 2012, p. 36).

Ainda, segundo Cereja e Magalhães (2016, p. 36), do ponto de vista linguístico, “não existe uma variedade linguística melhor ou mais correta do que a outra. Mesmo que uma variedade seja bastante diferente da norma-padrão, ela será boa se permitir aos seus falantes se comunicar e interagir de modo eficiente.” Dessa forma, é importante que o estudante perceba, nas diferentes situações comunicativas, qual é a variedade linguística mais adequada.

Dentre a grande variedade de gêneros textuais existentes, o presente trabalho propõe atividades relacionadas ao gênero crônica, que consiste numa narração curta, geralmente produzida para meios de comunicação como, por exemplo, jornais, revistas e sites. Trata de acontecimentos do cotidiano e está situada entre o jornalismo e a literatura, pois pode conter elementos reais e/ou fictícios. De acordo com Costa (2014), a crônica, com relação ao estilo, geralmente é breve, simples e exerce a interlocução direta com o leitor, com marcas típicas da oralidade.

Originária dos folhetins publicados no início do jornalismo, em meio a manchetes, notícias, reportagens, editoriais etc., é leve e rápida, construindo um lugar de familiaridade para a relação enunciador/enunciatório, numa cenografia de conversa amena, diferentemente, por exemplo, do editorial que recupera os fatos midiáticos de maneira mais densa e formal. Sem regras preestabelecidas, como se dá com a manchete ou a notícia de primeira página, construindo ilusão, a crônica jornalística consolida o simulacro de relato informal de um ‘causo’. (COSTA, 2014, p. 93).

Portanto, por suas características constitutivas, a crônica jornalística nos permite explorar diversas temáticas, entre elas a da variação linguística, que contribui inclusive para a verossimilhanças das personagens.

HABILIDADES DA BNCC

Jornalístico/Midiático e Artístico-Literário – Leitura

EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal.

Jornalístico/Midiático e Artístico-Literário – Oralidade

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção



de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, líras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

Jornalístico/Midiático e Artístico-Literário – Análise linguística e semiótica

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

PREPARAÇÃO DO PROFESSOR

Caro professor, trabalhar com os diferentes gêneros textuais traz riqueza de conteúdos e formas diferentes de abordagem do conhecimento. Em se tratando de leituras curtas, rápidas, mas não menos importantes no que diz respeito a reflexões profundas sobre o uso da língua e a relação entre os falantes, está a crônica. A crônica *Menas laranjas*, em especial, aborda uma temática importante sobre o entendimento de como a língua é manipulada, revelando com criticidade os modos de articulação da língua conforme o hábito de seus usuários.

Nesse sentido, é papel da escola o reconhecimento das variedades linguísticas e a preparação para o emprego da língua segundo as situações de comunicação envolvidas, proporcionando aos estudantes uma reflexão metalinguística, além de permitir a compreensão de dimensões sociais sobre o combate ao preconceito linguístico.

Logo, é fundamental a leitura atenta de conceitos já apresentados na fundamentação teórica. Ademais, se o professor desejar articular o conhecimento da aula aos recursos tecnológicos, com a construção de podcasts, documentários, blogs, entre outras possibilidades, apresentamos algumas plataformas midiáticas que podem auxiliar na fixação dos conteúdos e disseminação das ideias construídas.

A seguir, pode ser conferida uma relação de sites que explicam possibilidades uso das ferramentas, que podem ser adequadas aos objetivos de aprendizagem.

Relação de sites para a produção de materiais midiáticos na sala de aula

Como criar um podcast? Gravação, ferramentas, edição, celular, estúdio, roteiro etc.:

https://www.youtube.com/watch?v=Of5A6o9J_F8

<https://www.youtube.com/watch?v=lafP3i00UBk>

Google Sala de Aula: possibilidades e recursos:

https://edu.google.com/intl/ALL_br/products/classroom/?modal_active=none&gclid=CjwKCAiA55mPBhBOEiwANmzoQo-

[&gclid=CjwKCAiA55mPBhBOEiwANmzoQo-](https://edu.google.com/intl/ALL_br/products/classroom/?modal_active=none&gclid=CjwKCAiA55mPBhBOEiwANmzoQo-)

[XZc0FhiisFQ91PizFKymEb28qGr9qYs6XZ4Ief65nEjUZzv3wBRoCKzAQAvD_BwE](https://edu.google.com/intl/ALL_br/products/classroom/?modal_active=none&gclid=CjwKCAiA55mPBhBOEiwANmzoQo-XZc0FhiisFQ91PizFKymEb28qGr9qYs6XZ4Ief65nEjUZzv3wBRoCKzAQAvD_BwE)

Blog: como criar, possibilidades, recursos:

<https://wordpress.com/pt-br/create->

[blog/?utm_source=google&utm_campaign=google_wpcom_search_non_desktop_br_pt&utm](https://wordpress.com/pt-br/create-blog/?utm_source=google&utm_campaign=google_wpcom_search_non_desktop_br_pt&utm_medium=paid_search&keyword=web%20blog&creative=417012659759&campaignid=6622)

[_medium=paid_search&keyword=web%20blog&creative=417012659759&campaignid=6622](https://wordpress.com/pt-br/create-blog/?utm_source=google&utm_campaign=google_wpcom_search_non_desktop_br_pt&utm_medium=paid_search&keyword=web%20blog&creative=417012659759&campaignid=6622)

[99896&adgroupid=54282623743&matchtype=e&device=c&network=g&targetid=kwd-](https://wordpress.com/pt-br/create-blog/?utm_source=google&utm_campaign=google_wpcom_search_non_desktop_br_pt&utm_medium=paid_search&keyword=web%20blog&creative=417012659759&campaignid=6622)

[96695593&gclid=CjwKCAiA55mPBhBOEiwANmzoQsJnOwt8gdu96t2CX3](https://wordpress.com/pt-br/create-blog/?utm_source=google&utm_campaign=google_wpcom_search_non_desktop_br_pt&utm_medium=paid_search&keyword=web%20blog&creative=417012659759&campaignid=6622)

[MxTuqY_WnvO6YDW92cX5iwj1P3RErNYlgy6RoCxu4QAvD_BwE](https://wordpress.com/pt-br/create-blog/?utm_source=google&utm_campaign=google_wpcom_search_non_desktop_br_pt&utm_medium=paid_search&keyword=web%20blog&creative=417012659759&campaignid=6622)

[https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-blog/https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-blog/](https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-blog/)

<https://www.tecmundo.com.br/blog>

<https://rockcontent.com/br/blog/como-criar-um-blog/>

<https://www.youtube.com/watch?v=U14WD9bBqNE>

<https://www.youtube.com/watch?v=X5GIHTfDNa0>

<https://www.youtube.com/watch?v=4krzqgsFqNo>

Dessa forma, a leitura do material que apresentamos estará conectada com a exigência de inserção das novas mídias na sala de aula.

CRIANDO LEITORES

1. Antes da leitura

É fato que um texto que será discutido e minuciosamente trabalhado com os alunos requer um ciclo de possibilidades e de questionamentos prévios para que o estudante possa construir suas próprias conexões e conclusões sobre as tantas nuances relacionadas à temática abordada. Não raras vezes, os professores indicam leituras de escritores regionais, por exemplo,

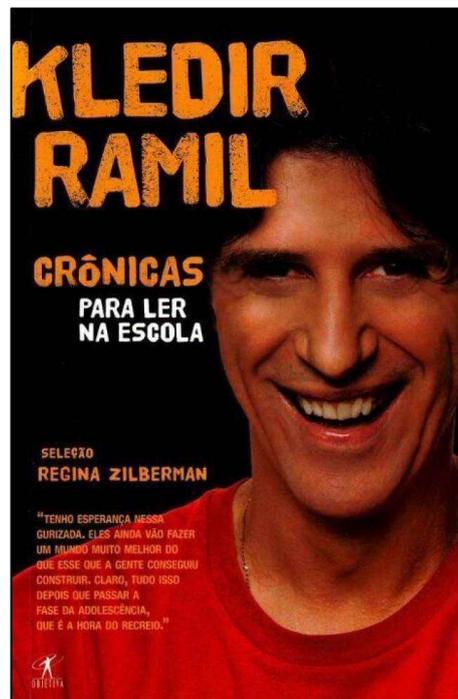


pois acreditam que os autores clássicos são os que devem ser (re)conhecidos pelos adolescentes. Entretanto, sem invalidar as importantes leituras clássicas, acreditamos que há muitos textos e escritores contemporâneos que contribuem para eficazes relações e percepções de mundo, tão significativas para o contexto do adolescer.

Nesse sentido, nossa proposta busca capturar essas escritas originais e, ao mesmo tempo, recorrentes entre os alunos, já que a escolha textual é uma crônica que trata dos diferentes usos da língua portuguesa, o que compreendemos por “erro”, por “adequado” ou “inadequado” e, ainda, sobre preconceito linguístico. Reconhecer quais são os objetivos ao selecionar um texto é de real importância para o fazer do professor. A primeira questão a ser sempre respondida nesse momento de escolhas é: “Por que este texto e não outro?”.

O texto a ser abordado, “Menas laranjas”, é de um escritor gaúcho, que tem relação intrínseca com a língua portuguesa falada na região sul. De início, é fundamental que os alunos saibam de quem se fala. Nesse momento, apresentar uma breve biografia de Kledir Ramil é interessante, porque o autor deixa de ser “algo divino” e passa a ser alguém mais próximo, talvez da mesma região que a dos alunos. Além disso, vale lembrar que há muitas e excelentes canções do compositor/escritor que podem dar sequência ao trabalho aqui apresentado como uma proposta. Kledir Ramil nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1953, e se consagrou em todo o país com a bem-sucedida dupla Kleiton & Kledir, que forma com seu irmão desde 1980. Em 2003, publicou uma coletânea de crônicas *Tipo Assim* (RBS), foi colunista do jornal Zero Hora, de Porto Alegre; e, em 2006, lançou *O pai invisível*, com temáticas envolvendo pais e adolescentes. Seu livro *Viagem a par ou ímpar*, também é voltado para o público infantojuvenil (Site Agência RIFF).

O poema que faz contraponto com a crônica é de Patativa do Assaré (1909-2002), poeta e repentista brasileiro, representante da arte popular nordestina do século XX. Sua escrita apresenta uma linguagem poética simples, sobre a vida sofrida e árida do povo do sertão. Ganhou projeção nacional com o poema "Triste Partida" de 1964, musicado e gravado por Luiz Gonzaga. (Site Ebiografia). Outro aspecto importante é a observação atenta do livro físico ou digital. Nossa perspectiva, às vezes, precisa de outro olhar que nos guie para realmente vermos o que é significativo. Vejamos as duas capas das obras aqui apresentadas:



Convide os alunos a compará-las e observarem seus detalhes:

1. Quais são as cores predominantes?
2. Por que a escolha por essas cores e não outras?
3. Como as cores e as imagens estão relacionadas à temática dos livros?
4. Como você explicaria as cores da flor na capa da obra de Assaré?
5. Qual a relação da imagem de Kledir e da sua fala entre aspas?

Essas são algumas de muitas outras questões que o professor poderá abordar com seus alunos, observando minuciosamente apenas a capa e relacionando-a com os textos que serão lidos. Aqui, a obra deixa de ser do outro e passa a fazer parte do “mundo do aluno”, pois algo será dito para ele, o estudante, mas este já se sentirá “parte” do processo entre texto e leitor. Essa é a diferença crucial, quando se pensa em preparação do aluno para analisar um texto, seja ele de qualquer gênero textual.

2. Durante a leitura

Para a atividade da leitura, sugere-se a seguinte sequência de passos:

Passo 1 - Leitura individual e silenciosa: parte da compreensão do texto surge da relação existente entre ele e seu leitor. Por isso, a leitura silenciosa é relevante, pois passa a ser o primeiro contato com as palavras, as ideias e é nesse processo que as iniciativas de análise tomam forma. Vale ressaltar, ainda, a importância da orientação do professor para que o aluno



marque vocábulos que não saiba o significado, períodos que chamam a sua atenção e que faça possíveis anotações sobre as ideias que lhe passam ao fazer a leitura. Além disso, selecionar palavras-chave é importante para que, mais tarde, os leitores possam estruturar mentalmente o texto como um todo. Serão elas, anotações e palavras-chave, que organizarão o pensamento e que serão essenciais para o momento de compartilhar as primeiras impressões com o grupo.

Passo 2 - Leitura oralizada e compartilhada: o fato de existir uma segunda leitura, agora, oralizada, contribui para que as percepções sejam partilhadas entre os alunos. É fundamental, nesta fase, que o professor permaneça como um atento mediador, faça questionamentos e que possa desenvolvê-los, a partir das contribuições dos estudantes.

Compreendemos ser relevante a leitura do poema muito bem preparada pelo professor, já que há palavras em seu registro escrito que acentuam a modalidade falada da língua, o que deve ser respeitado no momento da leitura. Além disso, fica evidente a heterogeneidade linguística do Brasil, ou seja, as variedades tão ímpares encontradas em nosso território. Outro fator importante é a musicalidade desse poema, típico da região nordestina, aspecto que não só deve ser evidenciado, como também abordado nas questões seguintes à leitura.

Os detalhes das palavras e de seus sons e a intenção da escrita devem ser levados em conta, a fim de instigar nos alunos o olhar crítico, atento e acolhedor em relação às diferenças. Alguns questionamentos, que instrumentalizarão os estudantes, são fundamentais nesse momento de leitura:

1. Que ideia a respeito da vida está presente no poema?
2. O poema é marcado por traços da oralidade. O que isso significa?
3. Se procurássemos os substantivos do título no dicionário, como estariam grafados?
4. Faça a leitura do poema. Houve algum tipo de dificuldade em manter a fluidez? Por quê?
5. Por que, na sua opinião, esse texto foi escrito respeitando a linguagem falada e não a norma-padrão?
6. O que é mesmo “norma-padrão”?
7. Podemos concluir que o registro dessa maneira tenta caracterizar um grupo social? Explique.

A partir das respostas dos alunos, é fundamental que o professor esteja aberto e tenha uma fala acolhedora para oferecer a eles aquilo que, talvez, não tenham conseguido observar ou que ainda não tenham conhecimento de mundo suficiente. Para que haja melhor aproveitamento desse momento de interação do professor com sua turma, algumas abordagens são relevantes:

- Contextualizar para os estudantes a ideia de preconceito linguístico.
- Abordar questões acerca das ideias de “falar certo” ou “falar errado”.
- Apresentar questões sobre “adaptação de linguagem” de acordo com o momento e com o lugar, por exemplo.
- Oferecer um repertório de textos que possa dar conta do tema, a fim de apresentá-lo de diversas maneiras e sob muitos pontos de vista.

Anexo I – Ispinho e Fulô, de Patativa do Assaré

Anexo II - Menas laranjas, de Kledir Ramil

3. Após a leitura

De “posse” das ideias principais do texto, inicia-se a manipulação lexical e, para isso, algumas perguntas devem nortear a discussão:

Questões de interpretação:

1. Qual é o título do texto?
2. Qual é o assunto?
3. Onde e quando o texto foi publicado?
4. Como você definiria a estrutura da capa do livro? Ela chama a atenção do leitor?
5. Possivelmente, quem são os leitores desse tipo de texto?
6. Quem é o autor do texto?
7. Quantos parágrafos compõem o texto?
8. Escolha uma palavra ou frase-chave de cada trecho do texto.
9. O texto pode ser dividido em partes que abordam questões da língua. Quais seriam?
10. Qual a função de cada uma das partes?
11. Segundo o texto, por que a nossa língua é uma das mais fascinantes no planeta?
12. O que você pensa sobre essa opinião do autor?
13. Qual a sua opinião sobre o trecho “Se alguém falar ‘menas’ laranjas, pode rir à vontade?”

Questões de compreensão:

1. Qual é a relação entre o poema “Ispinho e fulô” e a crônica “Menas laranjas”?
2. De que forma os dois textos se complementam?
3. De que maneira os dois textos se contradizem?

4. Qual a relevância de adolescentes lerem textos como esses?
5. Como você percebe a nossa língua no contexto onde vive? Há muitas diferenças?
6. Como, normalmente, lidamos com situações em que pessoas falam diferentemente de nós? Um exemplo são os tantos sotaques dos imigrantes tão acentuados em diferentes regiões do Brasil.
7. Relacione a temática do texto lido à tirinha a seguir, de Mauricio de Sousa:



Fonte: <https://suburbanodigital.blogspot.com/>

Questões léxico-gramaticais:

1. No início do texto, temos a frase: “[...] **mas** independentemente da minha limitada capacidade de avaliação[...]” a conjunção destacada expressa qual ideia?
2. Na frase: “Tanta beleza, é claro, só pode ser apreciada **se** ela for usada corretamente.” há uma ideia de:
 - a. concessão
 - b. condição
 - c. adição
 - d. contradição
 - e. consequência
3. Por qual outro pronome relativo o **que** pode ser substituído em “Enfim, seguem meus comentários sobre coisas que me incomodam.”?
4. A palavra “fascinantes” (linha 1) concorda com “língua” (linha)? Justifique.
5. No trecho “Bem, talvez tenha que se levar em conta que é uma das poucas que conheço [...]” há um vocábulo implícito. Escreva qual é e por que não foi redigido novamente no contexto.
6. Qual a função dos travessões no segundo parágrafo do texto? Eles poderiam ser substituídos por outra pontuação, sem haver modificação semântica?
7. No texto, foram utilizadas várias vezes a palavra “você”. Como podemos explicar tantas ocorrências, levando em consideração o gênero textual em questão?
8. Nas seguintes construções: “Tanta beleza, é claro, só pode ser apreciada **se ela** for usada corretamente.” “Use o bom humor e diga que vai “estar perdendo a paciência” **se ela** continuar falando assim.” qual é a função dos pronomes pessoais destacados?

9. Caso os pronomes utilizados nas construções acima analisadas fossem retirados do contexto, a coesão textual estaria prejudicada? Explique.

10. Qual a relevância, para a construção da coerência do texto, da expressão “Se você...”, no início de vários períodos?

PARA SABER MAIS

Ispinho e Fulô lido por um cearense:

https://www.youtube.com/watch?v=t66vw_NzeUM

Referências:

ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2005.

_____. Biografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/patativa_assare/> Acesso em 21-05-2022.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et. al. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura. 2017.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Gramática: texto, reflexão e uso**. 4.ed. São Paulo: Atual, 2012.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RAMIL, Kledir. **Crônicas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

RAMIL, K. Biografia. Disponível em: <<https://www.agenciarriff.com.br/autores/kledir-ramil/#:~:text=Kledir%20Ramil%20nasceu%20em%20Pelotas,cheias%20de%20bossa%20e%20humor.>> Acesso em 21-05-2022.



ANEXO I:

Ispinho e Fulô, de Patativa do Assaré

É nascê, vivê e morre
Nossa herança natura
Todos tem que obedecê
Sem tê a quem se quexá,
Foi o autô da Natureza
Com o seu pudê e grandeza
Quem traçou nosso caminho
Cada quá na sua estrada
Tem nesta vida penada
Pôca fulô e muito ispinho.

Até a propa criança
Tão nova e tão atraente
Conduzindo a mesma herança
Sai do seu berço inocente.
Se passa aquele anjo lindo
Hora e mais hora se rindo
E algumas horas chorando,
É que aquela criatura
Já tem na inocença pura

Ispinho lhe cutucando.

Fora da infância querida
No seu uso de razão
Vê muntas fulô caída
Machucada pelo chão,
Pois vê neste mundo ingrato
Injustiça, assassinato
E uns aos outros perseguindo



E assim nós vamo penando
Vendo os ispinho omentando
E as fulô diminuindo.

[...]

Fonte: Patativa do Assaré. *Ispinho e fulô*. São Paulo: Hedra, 2005. p. 25-26.

ANEXO II:

Menas laranjas, de Kledir Ramil

Considero a nossa língua uma das mais fascinantes do planeta. Bem, talvez tenha que se levar em conta que é uma das poucas que conheço, mas independentemente da minha limitada capacidade de avaliação, posso garantir que é uma língua bonita, cheia de palavras interessantes e com uma sonoridade especial. O que talvez explique por que tantas canções em português viraram sucesso mundo afora.

Tanta beleza, é claro, só pode ser apreciada se ela for usada corretamente. O que é discutível, pois o “correto” é sempre uma avaliação de gosto pessoal – como essa que estou fazendo aqui – e pode trazer embutido um preconceito linguístico. Enfim, seguem meus comentários sobre coisas que me incomodam.

Você não deve dizer “seje”, por exemplo. Nem que seja num bate-papo de botequim.

Tampouco deve usar “esteje”. Mesmo que você já esteja na quarta cerveja e todo mundo “esteje” falando assim.

Se você for do sexo feminino e tiver trabalhando o dia inteiro, não pode falar pro namorado que não quer sair porque está “meia” cansada. Meia é aquilo que se usa no pé. Você provavelmente está “meio” cansada e, cá entre nós, deve estar cansada mesmo é do namorado. Porque quando a gente gosta de verdade, sempre encontra forças para um jantar a dois.

Se alguém falar “menas” laranjas, pode rir à vontade. A não ser que você esteja numa recepção mais formal e o equívoco tenha sido cometido pelo dono da casa. O que não é impossível de acontecer.

O R é uma letra traiçoeira, é preciso tomar cuidado. Anote aí: frustrado, cocrodilo, ededrom, largartixa, estrupo, cardarço. Tá tudo errado. Confira no dicionário.

Nunca diga “havam muitas pessoas no local”. O correto é usar o singular: “havia muitas pessoas”. Mesmo que fosse uma multidão. “Para mim gostar” é coisa de índio. Quem conjuga o verbo é o pronome pessoal reto: “Para eu gostar, para tu gostares, para ele gostar...”

Se você escutar alguma secretária falar “vou estar anotando o seu recado”, não se irrite. Use o bom humor e diga que vai “estar perdendo a paciência” se ela continuar falando assim. O gerundismo virou uma praga. Vem de traduções malfeitas do inglês e contaminou algumas áreas, principalmente o telemarketing.

A língua brasileira é mesmo fascinante. Produziu poemas e romances da melhor qualidade, mas, como tudo na vida, também tem suas estranhezas; Por exemplo: por que



“embaixo” é uma palavra só é “em cima” são duas? Por que a gente bota a calça e calça a bota?
Por que as pessoas embarcam no avião, no carro, no trem e não apenas no barco? Por que “pois
não” quer dizer sim e “pois sim” quer dizer não?

E a pergunta que não quer calar e me tira noites de sono: por que “tudo junto” é separado
e “separado” é tudo junto?

Fonte: Ramil, Kledir. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.